



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
**Faculdade de Formação de Professores**  
**Curso de Pedagogia**

**CÍNTIA DE CARVALHO GODOY**

**O NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS**

**SÃO GONÇALO**  
**2010**

Cíntia de Carvalho Godoy

## O NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Trabalho entregue à Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como requisito parcial à obtenção da graduação de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores – FFP, campus de São Gonçalo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Mariza de Paula Assis

SÃO GONÇALO  
2010

Cíntia de Carvalho Godoy

## **O negro nos livros didáticos**

Trabalho entregue à Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro – UERJ, como requisito parcial à  
obtenção da graduação de licenciatura em Pedagogia  
da Faculdade de Formação de Professores – FFP,  
campus de São Gonçalo

Aprovado em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. MS. Mariza de Paula Assis  
(orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Ms. Vera Pereira Muniz  
(parecerista)

São Gonçalo  
2010

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, pelo aprendizado da humildade, perseverança e, principalmente pelo exemplo de amor e fé. Ao meu marido por sua paciência e compreensão nas horas mais difíceis da minha trajetória universitária. À minhas amigas Elisa Carla Leal Iglésias e Ana de Fátima Rosa com vocês tudo ficou mais fácil. Não posso esquecer da minha orientadora que foi mais que uma professora, por me mostrar que podemos fazer a diferença numa sala de aula ao combater preconceitos e discriminações raciais.

## **Todo camburão tem um pouco de Navio Negroiro**

*(Marcelo Yuka)*

Tudo começou quando a gente conversava  
naquela esquina ali  
de frente àquela praça  
veio os zomens  
e nos pararam  
documento por favor  
então a gente apresentou  
mas não paravam  
qual é negão? Qual é negão?  
o que que tá pegando?  
qual é negão? Qual é negão?

é mole de ver  
que em qualquer dura  
o tempo passa mais lento pro negão  
quem segurava com força a chibata  
agora usa farda  
engatilha a macaca  
escolhe sempre o primeiro  
negro pra passar na revista  
pra passar na revista

todo camburão tem um pouco de navio negroiro  
todo camburão tem um pouco de navio negroiro

é mole de ver  
que para o negro  
mesmo a AIDS possui hierarquia  
na África a doença corre solta  
e a imprensa mundial  
dispensa poucas linhas  
comparado, comparado  
ao que faz com qualquer  
figurinha do cinema  
comparado, comparado  
ao que faz com qualquer  
figurinha do cinema  
ou das colunas sociais

todo camburão tem um pouco de navio negroiro  
todo camburão tem um pouco de navio negroiro

## RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como objetivo analisar como o negro é representado nos livros didáticos. No campo do currículo escolar discutir questões como racismo, multiculturalismo e identidade do negro, podendo resultar numa baixa auto-estima dos alunos afro-descendentes. Pretende verificar como é construída a imagem do negro no livro didático de geografia nas séries iniciais. Ainda ressalta a função do livro didático e como tem ocorrido uma mudança significativa no campo educacional a partir da Lei 10.639/03 e do Parecer 03/2004 que obriga as instituições de ensino a incluir em seu currículo o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e História da Cultura Africana e sua importância para formação do nosso país. Para isso, traçamos como objetivo analisar os livros didáticos de geografia utilizados por professores do CIEP- Porto do Rosa.

Como metodologia de investigação foi realizada análise de cunho bibliográfico, acompanhada de livros, artigos referentes ao tema. Tendo em vista a prática docente como um instrumento fundamental no combate ao racismo na educação visando uma sociedade democrática, saindo da reprodução e entrando para a transformação. Sendo assim, acreditamos numa prática transformadora que busca a igualdade no interior das diferenças, isto é, respeitando a diferença e assumindo sua necessidade na formação da identidade do sujeito.

Palavras-chave: Negro, Livro Didático e Lei 10.639/03.

## **SUMÁRIO**

### **1. INTRODUÇÃO**

### **2. DE INVISÍVEL A IMPERCEPTÍVEL: O NEGRO NO ÂMBITO EDUCACIONAL E SOCIAL.**

#### **2.1 Contextualização do racismo, discriminação e preconceito.**

### **3. COMO O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA REPRESENTA O NEGRO: UMA BREVE REFLEXÃO**

#### **3.1 A ideologia empregada no livro didático**

#### **3.2 A descrição e frequência das categorias de análise de textos e ilustrações dos livros didáticos**

#### **3.3 O multiculturalismo no currículo escolar**

### **4. CONCLUSÃO**

[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*.  
(HALL, 2003.p.48)

## 1. Introdução:

O presente ensaio monográfico tem por finalidade analisar a representação do negro<sup>1</sup> no livro didático de geografia das séries iniciais. O livro didático “atua como difusor de preconceitos” (Faria, 1984). Davies (1991) afirma que o livro didático tem um aspecto político-ideológico que se define por conteúdos que veiculam uma visão de mundo propício às classes dominantes, até mesmo porque o livro didático faz uso de imagens e fotos para ilustrar e facilitar a compreensão textual. Na maioria das vezes, no que se referem ao negro da sociedade brasileira, estas imagens que se mostram com menos frequência apresentam estes sujeitos desempenhando funções subalternas, descontextualizado (sem família), moradores de rua, reforçando a imagem de inferioridade e invisibilidade.

Dois fatores ocorridos durante minha trajetória escolar no curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente na Faculdade de Formação de Professores, levaram-me a optar por esse tema. Durante uma aula da disciplina Tempo e Espaço: História I dos textos abordados pelo menos um chamou-me atenção tendo como título: “*O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros*”. Ao ler e refletir sobre este texto senti-me enganada por não saber de figuras negras importantes para o Brasil:

[...] Narrativas memorialísticas sobre eles, celebrando-os como heróis negros, surgiram ainda no período colonial. Sua presença nos compêndios de história do Brasil é precoce. Remonta aos primeiros manuais redigidos no século XIX, e se estende, mesmo que com usos e significações muito diferenciados, por todo o século XX. (Mattos, 2007 p.1)

Em 1959, houve a primeira tentativa sistemática de eliminação de estereótipo racistas nos livros didáticos. Ainda de acordo com Mattos (2007):

[...] A partir de então os movimentos anti-racistas e a crítica ao mito da democracia racial no país acabaram por relegar Henrique Dias praticamente ao ostracismo. A historiografia desde os anos 1960, colocava em relevo a lista dos escravos e abandonava a antiga escrita da história assentada na figura do herói.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho denominamos de negro aquele que conforme o IBGE está categorizado como preto ou pardo. Cabe esclarecer que esta categoria justifica-se numa perspectiva social.



Hoje, pouquíssimos livros didáticos o citam. Os estudantes formados nos últimos trinta anos praticamente não o conhecem. (p.10)

A omissão de heróis negros foi realmente o ponto chave para optar por esse tema, então, observei que não havia heróis negros nos livros didáticos a não ser: Zumbi. De tantas guerras, de tantas revoluções nos restaram poucos heróis negros. Outro fator foi uma palestra ministrada pelo professor Renato Emerson dos Santos, do curso de Geografia da FFP/UERJ, que discursava sobre a Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica. A partir destes dois fatos observei que era difícil encontrar nos livros didático temas referentes à luta dos negros, a importância da cultura afro-brasileira e de personagens negros na história do Brasil.

Conforme Faria (1984), os livros didáticos se apresentam como verdades históricas, não são desligados da realidade, simplesmente cumprem a função de reproduzir a ideologia dominante. Por isso quando pensamos na contribuição do negro para formação do nosso país, associamos à escravidão, e é assim que aprendemos desde infância. O que fica é que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil, os índios eram preguiçosos e os negros eram escravizados por serem inferiores ao branco. A escola, como espaço social, também é responsável pela construção da identidade do indivíduo, o uso da literatura que trata o lugar do negro na escola é amplo, isto é, está apresentada de várias maneiras nos livros didáticos. Segundo Cavalleiro (2002): “[...] *O indivíduo se identifica reconhecendo seu próprio corpo, situado em um meio que o reconhece como ser humano e social. Assim, a identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos vêem*”. (p.19)

Na sociedade acredita-se que é pela educação que podemos mudar os efeitos do preconceito racial instalado e reforçado pela prática escolar. O currículo e suas ferramentas, como os livros didáticos estão carregados de ideologias que reforçam na criança uma visão estereotipada e camuflada da realidade social. A educação é a mediação da teoria com a prática, através da transmissão de idéias e conhecimento que podem transformar ou conservar a realidade. (Faria, 1984). O conceito de ideologia segundo Aranha (1996): “*É o conjunto de idéias e normas bem como condutas por meio das quais o homem é levado a pensar, sentir e agir de uma determinada maneira que convém a classe dominante.*” (p. 26)

Essa ideologia desempenha uma função que está intimamente ligada a uma consciência da realidade que junto com o livro didático reproduz no aluno o conhecimento de uma sociedade una

e harmônica, em outras palavras, o livro didático reconhece a desigualdade, porém, camufla a discriminação mostrando uma sociedade sem conflitos.

Geralmente, ao se pensar na escola, constrói-se uma idéia de neutralidade que não existe: *“O professor, que não assume na sala de aula, sua posição política, está assumindo perante o aluno uma neutralidade inexistente”*. (Freire 1996, p. 26)

O professor através da sua prática reflete seus valores culturais, suas crenças, normas e seus preconceitos. Ao silenciar-se perante situações de discriminação impostas pelos materiais pedagógicos resulta em vitimar estudantes negros. (Cavalleiro, 2003)

O ato pedagógico é uma atividade interacionista entre seres sociais, pensada como parte constituinte do processo de humanização, interação e formação, estando associado aos processos culturais, à construção de identidade, de raça<sup>2</sup>, e tendo essa ação voltada para as mudanças eficazes no sujeito, tornando-o como elemento desta própria ação. Como confirma Aranha (1989):

Dissemos que a educação não pode ser compreendida fora da história, mas apenas no contexto onde os homens estabelecem entre si as relações de produção da sua própria existência. Dessa forma, é impossível separar a educação do problema do poder: a educação não é um processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política (p. 51).

O objetivo geral dessa monografia é analisar de que forma as imagens do negro são reproduzidas em livros didáticos de geografia nas séries iniciais. O uso do livro didático é um recurso muito utilizado pelo professor, cabe a ele desmistificar a ideologia nele posto. Como afirma Silva (2005):

A desconstrução da ideologia abre a possibilidade do reconhecimento e aceitação dos valores culturais próprios, bem como a sua aceitação por indivíduos e grupos sociais pertencentes a outras raças/etnias, facilitando as trocas interculturais na escola e na sociedade (p. 33).

Na metodologia apresentarei detalhadamente os procedimentos da coleta de dados a partir de uma análise quantitativa de imagens, fotos e textos de negros situados na realidade social consideravelmente representado em categorias como status social, conjuntura familiar, interação com outras raças/ etnias (Silva, 2000).

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi alterada pela Lei 10.639/03 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnica - Raciais (Parecer 003/2004), resultado de Movimentos Negros para o reconhecimento, valorização e respeito ao negro. Neste

---

<sup>2</sup> Raça aqui utilizo numa perspectiva histórico-social. Mais adiante desenvolverei mais este conceito.

trabalho mostrará se os livros analisados estão cumprindo as orientações das respectivas leis, quer dizer, se os autores e ilustradores dos livros didáticos utilizados na escola básica, especificamente os da disciplina de geografia do 3º ao 5º ano do ensino fundamental tem seguido as orientações.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo tratarei sobre a função da escola e dos conceitos relatados a construção histórico-social do racismo na sociedade brasileira, bem como de estereótipos legais, surgido para combater a este.. No segundo capítulo desse trabalho são investigados os determinantes da representação social do negro nos livros adotados pelos professores das séries iniciais da rede pública de São Gonçalo, mais especificamente a escola CIEP 045 - PORTO DO ROSA, situado no bairro PORTO DO ROSA. O livro didático representa a imagem do negro, seguido de uma reflexão do racismo inserido nos livros didáticos e seu papel ideológico como é empregado. Atualmente há uma nova proposta educacional no campo curricular denominado multiculturalismo. Essa mudança poderá contribuir no rompimento de visões dogmatizadoras. Ainda, como o livro didático de geografia apresenta o cotidiano da nossa sociedade, isto é, as experiências e os processos histórico-culturais de várias estratificações sociais, tais como a mulher, o branco, o negro, os indígenas, os trabalhadores rurais entre outros.

E no último capítulo será apresentada à conclusão dessa monografia, apresentando os resultados dos livros analisados seguido de sua importância na construção identitária do sujeito. Além disso, discorrerá sobre o cumprimento ou não das orientações dadas pelas Leis LDB 9394/96 e 10.639/03.

## **2. DE INVISÍVEL A IMPERCEPTÍVEL: O NEGRO NO ÂMBITO EDUCACIONAL E SOCIAL**

A escola tem um papel relevante na formação dos processos identitários do sujeito, pois, ela possibilita ao indivíduo uma construção gradativa de personalidade. No entanto, a instituição escolar tem se voltado aos interesses da classe dominante, esta rege a sociedade, e como isso normaliza os currículos escolares, atribuindo outra função a escola. As conseqüências dessa ideologia provocam rejeição da criança se afirmar negra, compromete o senso crítico (auto conceito negativo) e proporciona um sentimento de inferioridade (Cavalleiro, 2003). A estrutura social que prevalece no Brasil, fortalece a marginalização do negro, idéia construída pela visão eurocêntrica. Junior (2007) afirma que na história da educação no período imperial, as oportunidades de estudos eram desiguais e os negros não tinha direito de freqüentar a escola num período diurno.

“(...) O decreto nº 7.031-A, de 6 de setembro de 1878, estabelecia que os negros só podiam estudar no período noturno e diversas estratégias foram montadas no sentido de impedir o acesso pleno dessa população aos bancos escolares”. Com isso se tornava permissivo o racismo aplicado à população negra, resultando no decorrer dos anos numa sociedade desigual. Já a constituição de 1988 estipulou a prática de racismo “crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão”.

Atualmente observa-se que não houve mudanças profundas em relação ao racismo no setor escolar, porém a Lei 10.639/03 tem por finalidade promover, no âmbito escolar, mudanças nas metodologias de ensino, no currículo e principalmente nas práticas escolares. Seu objetivo é corrigir injustiças, eliminar discriminações e principalmente garantir o direito dos negros se reconhecerem (e serem reconhecidos) na cultura nacional.

Ao longo do século XX os Movimentos Negros reivindicaram e formularam projetos empenhados na valorização da História e Cultura dos Afro-Brasileiros e dos Africanos, assim como o comprometimento com a educação de relações étnico-raciais positivas. De acordo com Oliveira (2001) os movimentos:

Vem denunciando com frequência o tratamento discriminatório recebido pelos negros, lutando não só para eliminar as políticas de inferiorização com respeito às diferenças raciais, mas também pela igualdade de oportunidade, que é a ética da diversidade. (p.1)

Um dos objetivos do Parecer 003/2004, está em regulamentar à alteração trazida à Lei 9.394/96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, através da Lei 10.639/2003 que procura

oferecer na área da educação, políticas de reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade afro-brasileira e africana. Como afirma o Art. 2º da Resolução nº 1,

As Diretrizes Curriculares Nacionais e para a Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnicosociais positivas, rumo à construção de nação democrática. (p.31)

Esta diretriz representa a base, fundada em dimensões históricas, sociais e antropológicas oriundas da realidade brasileira, que busca combater o racismo e as discriminações que atingem particularmente os negros. Visa o ressarcimento, por parte do Estado e da sociedade, aos descendentes de africanos dos danos psicológicos, materiais, sociais, políticos, e educacionais sofridos no tempo do regime escravista (Brasília, 2004).

O reconhecimento desses danos requer a escolha de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas de valorização do diverso, a fim de superar a desigualdade étnica racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino. As resoluções do Parecer 003/2004 destinam-se a todos que recebem, elaboram e executam os projetos pedagógicos e de ensino. Nele há orientações de *como fazer* ou dialogar com os sistemas de ensino, no que diz a respeito às relações étnico-raciais à diversidade da nação brasileira para a construção de uma sociedade justa e democrática.

A prática pedagógica poderá contribuir ou não para a democratização da sociedade, pois o educador que opta pelo silêncio permanente a respeito das diferenças étnico-raciais no espaço escolar, amplia a idéia reprodutiva do comportamento de superioridade do branco em relação ao negro. Como Cavalleiro (2003) corrobora:

O silêncio dos professores perante as situações de discriminação impostas pelos próprios livros escolares acaba por vitimar os estudantes negros. Esse ritual pedagógico, que ignora as relações étnicas estabelecidas no espaço escolar, pode estar comprometendo o desempenho e o desenvolvimento da personalidade de crianças e de adolescentes negros, bem como estar contribuindo para a formação de crianças e de adolescentes brancos com um sentimento de superioridade. (p.32; 33)

No entanto, o educador que utiliza essa diferença como estratégia poderá resultar numa valorização dessa diversidade e reconhecimento da cultura, história de um povo que sofreu discriminação por não ser branco, um povo que apresentou resistência ao sistema escravocrata

imposta pelos brancos, e seus descendentes, nos dias atuais lutam por essa valorização, respeito à cultura, história de seus antepassados.

A lei 10.639/03 não tem por objetivo trazer novos saberes, mas trazer a tona os saberes existentes que contribuíram para a formação da nossa sociedade. Como Pereira e Silva (2007) afirmam:

Não se trata, aqui, de apenas incorporar novos saberes, resultados de novas pesquisas, da ampliação do conhecimento humano e científico sobre áreas do conhecimento antes inexploradas. Trata-se de trazer à luz o porquê de não haver como conhecimento o que *já estava aí* como vida e como histórias. (p.63; 64)

A História e Cultura Afro-Brasileira estão em fase de construção, isto é, tende a ser mais aberto, estimular questionamentos sobre as trajetórias da população negra. Para Pereira e Silva (2007): *“Reconceituar a História e Cultura Afro-Brasileira implica enxergar além do que era entendido como tal, e que falava exclusivamente de folclore, de manifestações culturais e religiosidades de matrizes africanas, etc.”* (p.64)

No decorrer deste trabalho serão mostrados dados dos três livros analisados, visto que em dois livros ainda há elementos de reprodução nas ilustrações demonstradas, contudo nos textos sobre a abolição da escravatura as informações são relatadas como ocorreu, mostrando também a causa da desigualdade social já que, mesmo libertos os negros não tinham casa, emprego e auto-estima. Porém, antes destacaremos os produtos do racismo: preconceito e discriminação como mecanismos de controle na sociedade brasileira e na escola.

## **2.1 Contextualização do racismo, preconceito e discriminação.**

Muitas pessoas não sabem diferenciar preconceito, racismo e discriminação. A origem da palavra raça vem do latim **ratio** que significa sorte, categoria, espécie. A princípio era um termo utilizado na zoologia e na botânica para classificar as espécies de animais e vegetais. Nos séculos XVI-XVII, o conceito raça teve uma nova dimensão, raça passou atuar nas relações entre classes sociais, classificando certos grupos sociais em “puros” ou não. Os conceitos e as classificações serviram de ferramentas para operacionalizar o pensamento da variabilidade humana.

No século XVIII, a cor da pele foi considerada como um critério fundamental entre as chamadas raças. Com isso a espécie humana ficou dividida em três raças isoladas, que existem até os dias de hoje no imaginário coletivo e na terminologia científica: raça branca, negra e amarela.

De forma que no século XIX, foram introduzidos critérios morfológicos como a forma do nariz, lábios, cabelos, e cor, com intuito de fortalecer a idéia de classificação. As pesquisas comparativas levaram também a conclusão de que raça não é uma realidade biológica, mas apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante, a fim de explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças isoladas. (Seyferth, 2002)

Assim, acredita-se que este passou a ser uma forma de controle social, com princípios anti-humanístico e anti-social para manipular, atribuir seus feitos como negativos e assim realizar a segregação e dominação dos diferentes.

Conseqüentemente, grupos sociais (brancos) passaram usar isto como alegação para justificar superioridade usando critérios morfológicos e culturais sobre a “raça inferior”, ou seja, os não brancos.

Ensaístas como Gobineau, pensadores e cientistas de diferentes áreas do conhecimento sucumbiram determinismos sociais, dividindo a humanidade em tipos superiores e inferiores e condenado a miscigenação\_ pedra angular das teses de Gobineau e dos Darwinistas sociais. (Seyferth, 2002, p.23)

Essa ideologia materializou-se na cultura, no comportamento e valores de forma não distinta nos indivíduos e nas organizações sociais, resultando o racismo. Tanto que o racismo materializa-se nas formas de discriminação, violência e abuso verbal. O nascimento do racismo envolve essas três manifestações que surgiram na cultura ocidental.

No século XVI, era considerado bárbaro, inferior e sem alma qualquer povo que não fosse cristão. Até o fim do século XVII a explicação sobre o outro passava pela teologia e pela Escritura, que tinham monopólio da razão e da explicação. No século XVIII, conhecido como “século das luzes”, os filósofos iluministas contestam o monopólio do conhecimento pela Igreja, então passaram a buscar uma explicação sobre o outro e a variabilidade humana, desencadeando-se o racionalismo.

Na virada para o século XIX, o preceito da desigualdade das raças humanas adentrava a modernidade. Afinal, embora a maioria dos iluministas pensasse que a civilização (ou a cultura) se sobrepunha à natureza (a unidade do homem como ser natural era incontestável e a variedade social era considerada produto da cultura), não hesitaram em associar razão e civilização, com a suposição de inferioridade social e cultural articulada à idéia de progresso. (Seyferth,2002, p. 26)

Os estudos sobre raça iniciaram-se na Europa (XVIII-XIX), tomando como modelo o estereótipo europeu, firmaram doutrinas racialistas que eliminava, dominava o que era diferente,

ou seja, a teoria dá lugar à prática. Esses estudos têm embasamento na teoria evolucionista de Charles Darwin, 1859, que pela antropologia, sociologia e biologia, rapidamente, predominavam no mundo. No Brasil não foi diferente, o “Darwinismo social” enaltecia a existência da “raça pura”, reprimindo a mestiçagem presente nesta nação.

As teorias raciais propagaram-se rapidamente na Europa devido à influência de conde Artur Gobineau<sup>3</sup>, para esse teórico a miscigenação era sinônimo de degeneração racial e social, o Brasil era um país atrasado por causa desse laboratório racial. De acordo com Cobra (2001).

A segunda missão diplomática de Gobineau foi ao Brasil, onde chegou em 1876, enviado por Napoleão III, e onde permaneceu pouco mais de um ano como representante do governo francês. Segundo os que comentam as relações do Imperador Pedro II com os intelectuais europeus, este teve particular amizade com Gobineau. Na volumosa correspondência trocada entre ambos, Gobineau nunca deixou de referir-se a sua vinda ao Brasil como uma péssima experiência.

As expedições tanto desse teórico, quanto de outras realizadas no Brasil foram determinantes na busca pelo ideal branqueamento. Segundo Oliveira (2001):

A ideologia do branqueamento teve como objetivo propagar que não existem diferenças raciais no país e que todos aqui vivem de forma harmoniosa, sem conflitos (mito da democracia racial). Além desses aspectos, projeta uma nação branca que, através do processo de miscigenação, irá erradicar o negro da nação brasileira, supondo-se, assim, que a opressão racial acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento. (p.1)

Essa ideologia permanece até os dias atuais. As teses deterministas nunca ficaram presas somente ao meio acadêmico que as produziram, pelo contrário chegaram aos leigos, ao senso comum que tem empregado como critério nas relações sociais. (Seyferth, 2002)

Junto com a ideologia do branqueamento está também o mito da democracia racial veiculado pelos livros didáticos e pelos meios de comunicação. O mito da democracia racial é definido como uma distorção do padrão das relações raciais no Brasil, construída ideologicamente pelos brancos sendo intencional ou involuntário a fim de maquiagem a desigualdade entre negros e brancos. (Domingues, 2005). Cavalheiro (2003) revela o que representa: [...] *uma falácia que serve para encobrir as práticas racistas existentes no território nacional e isentar o grupo branco de uma reflexão sobre si mesmo.* (p.29)

O mito da democracia racial tinha três principais funções na sociedade brasileira: a primeira estaria em desarticular e/ou evitar uma luta de qualquer movimento de retaliação dos ex-

---

<sup>3</sup> Diplomata francês, escritor, etologista e filósofo, Gobineau ficou mundialmente conhecido pela sua obra *Essa sur l'inegalité des races humaines* em quatro volumes, publicado de 1853 a 1855.



escravos contra seus ex-senhores. O segundo em exterminar qualquer possibilidade do Estado brasileiro em implementar políticas compensatórias. O último isentava-se o ex-senhor de qualquer responsabilidade sobre o destino dos ex-escravos (Domingues, 2005).

Em 1889 com a Proclamação da República e um ano após a lei Áurea que aboliu a escravidão, todos sem exceção tinham direito a cidadania. Segundo Domingues (2005):

[...] Do ponto de vista do discurso legal, cidadãos negros passariam a desfrutar de uma igualdade de direitos e oportunidades em relação aos brancos em todas as áreas da vida pública: educação, emprego, moradia, terra, saúde, lazer, etc. [...] (p.116).

Essa integração social funcionava apenas no imaginário social, isto é, nos planos das aparências. Ao negar o preconceito racial implicava em desarticular a luta política anti-racista, pois não se combate o que não existe. Portanto é a partir desses conteúdos que será desmistificada essa harmonia do multiculturalismo existente no Brasil.

De acordo com Munanga (2000) o racismo é uma crença na existência de raças hierarquizadas advindas de uma relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. Esse racismo provocou uma desigualdade social que vitimaram os negros e os índios.

Do mesmo modo que surgiram vários teóricos racistas, surgiram também teóricos anti-racistas defendendo a eliminação do termo raça dos dicionários e textos científicos, porém esta permanece na cultura popular e na ciência social. No século XVIII, na França foi elaborada a Declaração dos direitos do homem, idealizando a igualdade de todos os seres humanos, independente de raça, nacionalidade, religião, idade ou sexo. Todos os países adotaram estes princípios nas suas constituições, embora todos fossem considerados iguais, os negros e índios foram excluídos por apresentarem culturas e hábitos que impossibilitassem a assumir a condição de homens, considerados como selvagens, primitivos e incivilizados. Fontes afirmam que a França “*que simbolizou esta mesma Declaração, não tardou logo em 1804, decretar a reintrodução da escravatura nas colônias e ao longo de todo o século XIX em proteger o tráfico clandestino dos negreiros*”. Desse modo a escravidão perpetuou até o século XIX, no entanto como o silêncio não é sinônimo de inexistência, o racismo foi repostado.

O preconceito e a discriminação são produtos do racismo, porém a diferença no conceito de cada termo é que o primeiro é uma idéia preconcebida, já o segundo são ações de segregação racial. (Cavalleiro, 2003)

Ferreira (2000) afirma que a discriminação é o ato de discriminar, isto é, separar ou diferenciar. Em particular a discriminação racial está em separar o grupo negro através da desvalorização e negação da sua cultura e assim desrespeitando a pluralidade cultural da sociedade brasileira. De acordo com Gomes e Silva (2002): *'Preconceitos, discriminação e desigualdades raciais causam (e são conseqüências de) empobrecimento material, moral e espiritual na sociedade brasileira'*.

A negação da cultura africana reduziu a mesma em folclorização, resultando na inferiorização dos seus valores culturais. Como Silva (2005) corrobora:

A invisibilidade e o recalque dos valores de um povo, bem como a inferiorização dos seus atributos adscritivos, através de estereótipos, conduz esse povo na maioria das vezes, a desenvolver comportamentos de auto rejeição, resultando em rejeição e negação dos seus valores culturais e em preferência pela estética e valores dos grupos sociais valorizados nas representações. (p.22)

A supervalorização das práticas culturais dos grupos dominantes, eurocêntrica, contribui para a permanência do preconceito racial. Visto que para Ferreira (2005) preconceito nada mais é do que uma idéia preconcebida, ou melhor, aversão a outras raças, credos e religiões.

Podemos entender o preconceito como um julgamento errado que envolve ações e reações negativas em relação ao outro e tudo que aparenta ser diferente. Segundo Cavalleiro (2003): “O preconceito racial no Brasil envolve atitudes e comportamentos negativos e, em algumas situações, atitudes supostamente positivas contra negros, apoiadas em conceitos e opiniões não fundamentadas no conhecimento, e sim na ausência.”.

Portanto, os termos discriminação, preconceito e racismo já foram diferenciados para obter-se uma compreensão dos mesmos. No próximo capítulo apresentaremos como o racismo se estabeleceu ideologicamente, nas práticas escolares, currículos e suas ferramentas educacionais que, tem por finalidade uma legitimação das práticas culturais dominantes.

### **3. COMO O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA REPRESENTA O NEGRO: UMA BREVE REFLEXÃO**

O que incomoda é que ao abrirmos a maioria dos livros didáticos, nos depararmos com um número cada vez menor de imagens dos negros. E como o negro está caracterizado nos livros didáticos de geografia nas séries iniciais? Os negros são quase sempre representados de forma pejorativa, enquanto as imagens dos brancos são postas num referencial positivo.

A imagem social difundida sobre o negro é aquela que o caracteriza como morador de rua, sinônimo de miséria, fome e doença e os brancos na sua maioria estão postos numa profissão bem remunerada como os médicos, engenheiros, etc...

Questionar e analisar o racismo contido no livro didático de geografia, das séries iniciais é uma forma de sensibilizar a sociedade para rever seus conceitos e mostrar que no Brasil há racismo, sendo camuflado principalmente pelo mito da democracia racial. A escola reproduz essa ideologia através do currículo, ela tem um papel importante na formação identitária do sujeito logo, pode também ter um papel significativo no combate ao racismo.

#### **3.1 A ideologia empregada no livro didático**

O livro didático exerce influência na formação das relações que se instalam entre os indivíduos e grupos do cotidiano social. (Costa, 2010). Embora os livros sejam vistos como neutros ou instrumento técnico de trabalho. Nas palavras de Silva e Carvalho (2010):

[...] o livro didático ainda se constitui no principal recurso de direcionamento de professores e alunos em sua prática pedagógica e atividades escolares. Os professores utilizam o livro didático como principal manual de orientação para sua aula e os alunos são orientados para a realização de suas tarefas (exercícios, pesquisas, estudos), tornando-o roteiro principal ou exclusivo, do processo de ensino-aprendizagem, na escola ou em casa (p.2).

O professor deve conduzir seu trabalho de forma consciente e reflexiva perante sua prática e assim, contribuindo para formação de sujeitos críticos. Contudo, através de uma formação acadêmica consistente e o pensar, refletir sobre sua prática o professor se tornará no que chamamos de *Intelectual Transformador*. Silva e Carvalho (2010) relatam sua importância:

[...] Assim, o professor intelectual transformador deve conduzir sua prática por *pedagogias* que incorporem interesses políticos emancipatórios, centrando suas reflexões na problematização dos conhecimentos envolvidos, sustentando suas argumentações em favor de um mundo cada vez melhor e mais justo, empregando o diálogo aberto e afirmativo e que conduza os sujeitos sociais e se

identificarem, e serem capazes de promover mudanças, notadamente, contra todo tipo de injustiça, seja na escola, seja nos demais espaços sociais. (p.6)

O livro didático é um instrumento de trabalho para o professor, daí a importância em destacar sua influência na aprendizagem dos alunos. Então, podemos perceber que o livro didático tem aspectos pedagógicos, político e cultural. Silva e Carvalho (2010) afirmam:

[...] o livro didático... é um espaço privilegiado de circulação e difusão de ideologias, é um espaço onde são difundidos aspectos políticos, culturais, científicos valorativos, de gênero, etnia, papel social, dentre muitos outros que caracterizam determinada sociedade e, dentro desta, os grupos, classes e os próprios indivíduos. (p.7)

O livro didático atua como difusor de preconceitos (Faria, 1984), visto que é fora da realidade da nossa sociedade brasileira. Nos livros didáticos a sociedade é demonstrada como uma sociedade em equilíbrio social, sem divisões de classes, raças e etnias, pois ele dá ênfase de que todos os cidadãos brasileiros são iguais. De acordo com Costa (2010):

Assim, igualdade de direitos, presente no discurso de cidadania e democracia, transfigura-se em mito, porque alivia a tensão existente quanto a desigualdade patente no acesso e gozo dos bens sociais, econômicos e culturais por negros e brancos; e em utopia por se constituir numa realidade almejada pelo pensamento livre [...] (p.3).

Não se trata de eliminar ou desqualificar o uso do livro didático e, sim como saber usá-los, quer dizer, estes ao serem adotados devem passar por análise crítica que envolva escola e aluno. Conforme cita Silva e Carvalho (2010):

[...] para que possam ser adotados livros que contemplem questões de gênero, etnia, classe, social, multiculturalismo, culturas locais, dentre outras, empenhadas em desmistificarem supostas verdades absolutas, que coincidentemente procuram legitimar os valores e ideais de culturas hegemônicas [...] (p.3)

Para entender a função do livro didático deve-se refletir sobre a escola em construção. Em alguns momentos é vista como um templo sagrado, fechado, livre de influências sociais externas. (Costa, 2010), outros como democrática embasada numa gestão participativa focando uma formação integral dos alunos. (Silva e Carvalho, 2010).

Neste sentido, o livro didático pode se constituir num bom recurso para professores e alunos, enquanto espaço onde são transmitidos conhecimentos científicos. Sendo mais um material de apoio ao trabalho do professor, em que o mesmo induza o aluno a refletir, questionar, reelaborar os conteúdos dos livros selecionados para se trabalhar em sala de aula. Sobre a prática docente Davies (1991) destaca:

[...] o professor, se tiver uma formação teórica e política sólida, poderá trabalhar as limitações do livro didático. Se tiver clareza do que quer, e condições de trabalho e salariais, poderá, por exemplo, explorar com os alunos uma comparação entre vários livros didáticos, de modo levá-los a produzirem um conhecimento comparado e o percebem através das diferentes interpretações sobre um determinado fato histórico [...] (p.2)

Portanto, acreditamos que a principal função do professor Intelectual Transformador, é a de desmistificar a ideologia empregada no livro didático, enfim, que possa orientar seus alunos a conscientização perante sua realidade social. Como Silva e Carvalho (2010) ratificam:

A partir desta constatação podemos afirmar que a postura de professor diante do livro didático é quem determinará qual função este livro desempenhará na escola pois, sendo praticamente o único material escolar, que o aluno tem a possibilidade de ler, de manusear, a forma como os alunos são orientados utilizar o livro na escola é determinante para uma relação salutar entre alunos e livro didático, para que este livro se constitua num instrumento que realmente contribua na aprendizagem significativa dos alunos, favorecendo a estes um entendimento, a partir desenvolvimento de uma atitude crítica, sobre o verdadeiro papel dos livros na condição de seu processo de aprendizagem escolar. (p.8)

Ao preocuparmos com uma ‘leitura’ ou entendimento da realidade que envolve o cotidiano, e usá-la como base para formação da subjetividade e da identidade dos alunos, podemos ‘desmascarar’ certas ideologias que se fazem presentes nos vários discursos escolares principalmente nos livros didáticos, tanto em seus textos quanto nas imagens que compõem os mesmos.

Costa (2010) constatou que muitos professores experientes ou não, negam a discriminação racial no livro didático. Nesse trabalho cujo tema é a percepção dos professores e alunos sobre a discriminação veiculados pelos livros de língua portuguesa, obteve resultado fundamentado em análise de livros e entrevistas com professores e alunos, e estes mostraram uma invisibilidade em relação ao negro. Professores afirmaram que não há racismo no livro didático, entretanto os alunos (negros ou não) argumentaram sobre a falta de representações do negro no mesmo. Como a autora afirma (2010):

[...] Os textos não verbais apresentam disparidade na representação do branco e do negro, promovendo um processo de invisibilidade deste grupo racial (discentes e docentes). Não oferecem aos professores, nem aos alunos, elementos que lhe possibilitem reconhecer os negros como integrantes legítimos do espaço escolar. Essa invisibilidade ajudava a construir em torno dos sujeitos com características fenotípicas diferentes das atribuídas aos filiados ao grupo branco um véu de inexistência ou de alienígena no processo educativo. (p.2)

Embora haja um discurso no âmbito educacional e social da cidadania igualitária para todos, verifica-se que na prática isto não existe. E o livro didático reflete essa relação desigual, o negro é colocado numa situação de inferioridade relacionado ao branco. Como já foi explicado esse discurso é baseada no mito da democracia racial. De acordo com Faria (1984):

O livro didático não está enfatizando o aspecto econômico, pelo contrário, nem aborda. Liberdade aí é totalmente abstrata, é a liberdade individual burguesa. Seu oposto é a escravidão que é sempre analisada moralmente: o que é “bom” e o que é “ruim” para o homem. (p.31)

Segundo Costa (2010), a maioria dos professores não percebe que os livros didáticos operam com tributários da construção do imaginário social da população percebendo-os somente como um instrumento técnico de trabalho. (p.5)

No entanto, a percepção dos alunos foi mais apurada sobre a discriminação racial existente no livro didático. De acordo com Costa (2010) a maioria identificou o contraste quantitativamente às representações entre negro e branco. Desse modo, o livro didático fornece uma leitura do mundo centrado no estereótipo europeu (branco), ocasionando o reforço de determinados valores e ideologias que contribuem para a permanência do racismo na sociedade. Por isso, suas imagens são significativas no ato de aprender, ilustram de forma atraente ou não o que o texto relata, com isso, induz o indivíduo estabelecer significações referentes ao saber no campo coletivo, isto é, refere-se diretamente na formação social que incluem valores e conceito que o indivíduo carregará durante sua vida.

Ainda que, o livro didático venha sofrendo mudanças gradativas e encontre representações positivas ao negro, continua negando o próprio, o direito de ser percebido ou visto num contexto de equidade social. Costa (2010) revela que:

[...] Os negros continuam sendo colocados em posições semelhantes aos que as ideologias racistas insistem em conferir-lhes ao longo do tempo, haja vista que o livro didático continua reproduzindo preconceitos que, através dos estereótipos, ajudam a disseminar a condição de discriminação contra os negros, que ainda continuam sendo representados como insignificante minoria e em papéis de pouca valorização social. (p.10)

Assim, o livro didático produz efeito real, positivo ou negativo, não apenas no seu conteúdo, mas, também no modo de utilizá-lo (Davies, 1991). O professor capacitado em tornar o ensino mais crítico, contribui na transformação de alunos em agentes de mudança. Em outras palavras, uma

prática reflexiva e construtora da cidadania com sensibilidade para ver, sentir e interpretar as relações construídas no livro didático e no mundo.

### **3.2 O multiculturalismo no currículo escolar**

Vivemos num mundo globalizado cujos debates sobre diversidade cultural e o desafio em garantir a representação das identidades culturais nos diversos campos sociais, incluindo educacional, estão ganhando mais destaque. O papel fundamental do multiculturalismo é a valorização da pluralidade cultural e desenvolvimento de práticas pedagógicas que evidenciam a presença de diversas ‘vozes’ e manifestações culturais nas instituições de ensino (Canen e Oliveira, 2002).

Para compreendermos melhor o multiculturalismo trabalharemos com as mais variadas interpretações que contribuem para enriquecer os debates entre os especialistas e intelectuais. De acordo com Canen (2006) o multiculturalismo é:

Um movimento ativo de respostas concretas a essa diversidade, de reconhecimento de que não há um centro apenas que organize a realidade social. É, pois, um movimento que busca caminhos discursivos alternativos, que dêem voz àquelas identidades marginalizadas no currículo, na avaliação, nas relações interpessoais e nos espaços e tempos da escola. (p.36)

O multiculturalismo é caracterizado por sua dupla dimensão no currículo escolar: a primeira busca pela equidade educacional, valorizando as culturas dos alunos e visando a superação do fracasso escolar. A segunda caracteriza-se pela desconstrução da cultura dominante que estereotipam, silenciam, e engessam identidades diversificadas atuantes no campo da educação. Silva (2005, p.24) complementa ao dizer que: *“Os estereótipos, por sua vez, têm uma função importante nesse processo, uma vez que é através deles, em grande parte, que as ideologias são veiculadas nos materiais pedagógicos”*, reforçando assim, a ausência de real conhecimento do outro.

O multiculturalismo crítico é importante instrumento de luta política, que antes estava restrito somente ao campo da Antropologia<sup>4</sup>. Ele está intimamente ligado à representação de identidades específicas como: negros, homossexuais, mulheres e outras, desafia discursos preconceituosos que as silenciam, dando um novo significado a identidade que, por sua vez são

---

<sup>4</sup> Segundo Ferreira (2000), designação comum a diferentes ciências ou disciplinas, cujas finalidades são descrever o ser humano e analisá-lo com base nas características biológicas e socioculturais dos diversos grupos (povos, etnias, etc.), dando ênfase às diferenças e variações entre eles.

múltiplas. Conforme diz Silva (1999): “[...] o multiculturalismo é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional [...]” (p.85). Nesta perspectiva o professor é como um agente cultural que procura transformar relações desiguais e atravessar fronteiras culturais em seus discursos e práticas.

É importante assinalar que o centro das preocupações multiculturalista é a diversidade cultural e o desafio a preconceitos. Nas palavras de Canen e Oliveira (2002):

Trata-se de ir além da valorização da diversidade cultural em termos folclóricos ou exóticos, para questionar a própria construção das diferenças e, por conseguinte, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como ‘diferentes’ no seio de sociedades desiguais e excludentes. [...] (p.61)

Entretanto, essas autoras ressaltam que o multiculturalismo é polissêmico, isto é, abrange posturas epistemologicamente diversas e conflitantes, pois, “há os que concebem apenas como valorização da diversidade cultural, entendida de forma essencializada e folclórica”. Nessa ótica o multiculturalismo é reduzido a um apêndice ao currículo escolar, definido como celebração de datas especiais como “dia da consciência negra” e “dia do índio”.

De fato, nossa preocupação está focada no multiculturalismo crítico, pois nesta perspectiva o professor torna-se um agente cultural, que busca transformar as relações desiguais através de suas ações pedagógicas. Oliveira (2001) fala sobre o desafio dos educadores em interpretar e dominar um saber diferenciado, visto que é através de uma nova proposta educacional, voltada para a diversidade, que se poderá resolver esse conflito. O primeiro ponto a ser levado em conta é o *currículo escolar*, que passará de monocultural para multicultural. Como discorre Silva (1999): “*O currículo oficial valoriza a separação entre o sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição*”. (p.94) Logo, essa mudança resultará numa escola democrática não apenas no seu discurso, mas como na sua prática.

Para tais ações é importante destacar quatro dimensões da prática pedagógica multicultural:

- 1) *A construção*; que envolve a produção do conhecimento, por parte do aluno sobre pluralismo cultural e desigualdade,
- 2) *Voz e escolha*; atividades democráticas envolvendo a voz e a escolha do aluno;
- 3) *Crítica*; envolvendo discussão de valores culturais conflitantes,
- 4) *Ativismo social*; incentivo à posição contrária às condições de desigualdades (Canen e Oliveira, 2002).



Ao adotar essa nova proposta o educador dialogará mais com os alunos sobre a existência de outras culturas, como Silva (1999) destaca: *“Um currículo multiculturalista desse tipo deixaria de ser folclórico para se tornar profundamente político”*. (p.102)

Para Silva (1999): *“Nossas noções de educação, pedagogia e currículo estão solidamente fincados na modernidade e nas idéias modernas [...]”* (p.111). Visto que vivemos num período pós-moderno, iniciado na metade do século XIX com objetivo de questionar os princípios e pressupostos do pensamento social e político fincado e desenvolvido pelo Iluminismo.

Em sociedades multirraciais e pluriétnicas, como o Brasil, é relevante a escola adotar o multiculturalismo crítico como sua abordagem principal, porque este *“apropria-se da centralidade da cultura e da desconstrução dos discursos educacionais de modo de ir além dessa perspectiva e produzir, de forma proativa, respostas concretas à diversidade cultural[...]”*. (Canen 2006, p.35)

Considerando a escola como um espaço discursivo e decisivo na formação identitária, os multiculturalistas consideram-na um campo privilegiado de atuação, isto é, o lugar onde se dá essa transmissão ideológica de forma planejada e organizada. Como ratifica Canen (2006):

Os estudos culturais avançam no sentido de focalizar, no âmbito do currículo, da avaliação, das metodologias e abordagens pedagógicas, as mensagens presentes e omissas, as vozes legitimadas e aquelas silenciadas, procedendo à mencionada desconstrução de qualquer idéia de centramento, de neutralidade ou de universalidade de tais discursos. (p.35)

Para Silva (1991) o currículo escolar atua ideologicamente sob duas formas:

[...] uma forma mais direta, através das matérias mais suscetíveis ao transporte de crenças explícitas sobre a desejabilidade das estruturas sociais existentes, como Estudos Sociais, História, Geografia, por exemplo, seja de uma forma mais indireta, através de disciplinas mais ‘técnicas’, como Ciências e Matemática. (p.31; 32)

Daí pode-se fazer uma ligação entre o conhecimento e o currículo como campos culturais, como campos sujeitos a disputa e a interpretação, nos quais os diferentes grupos tentam estabelecer sua hegemonia. E como toda construção social, o currículo não pode ser entendido sem uma observação das relações de poder que fizeram e fazem com que ele inclua apenas um tipo determinado de conhecimento. (Silva, 1999)

É nesse espaço que se formará o sujeito crítico ou passivo diante dos mecanismos de controle da sociedade, ideologias, crenças numa sociedade que valoriza apenas a cultura dominante.

Há uma relação desarmoniosa entre o pós-moderno e o currículo existente. No centro deste currículo está o sujeito racional e autônomo da modernidade (Silva, 1999). Hall (2006) relata sobre

a identidade desse sujeito: “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. (p. 38).

Já para Silva (1999), o sujeito moderno é guiado por sua razão e por sua racionalidade. O sujeito moderno é fundamentalmente centrado, ou seja, ele está no centro de suas próprias ações. Porém no pós-modernismo o sujeito “não é o centro da ação social, ou seja, ele não pensa, fala e produz; ele é pensado, falado e produzido” (p. 113) e tudo isso se resume numa afirmação: Para o pós-modernismo, o sujeito moderno é uma farsa.

O pós-modernismo não apenas suporta, mas privilegia a mistura, o hibridismo e a mestiçagem no sentido de costumes, culturas entre outras. Hall (2006) corrobora sobre as culturas nacionais serem como comunidades imaginadas, como ele diz:

[...] Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentido \_ um *sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia de nação tal como representada em sua cultura nacional. (p. 49)

Com isso as culturas nacionais produzem sentidos sobre a nação influenciando na construção de identidades variáveis. Esses sentidos são colocados entre o passado e o futuro, volta-se ao passado para tentar restaurar as identidades passadas e avança para uma nova marcha para frente, por isso comunidades imaginadas (Hall, 2006):

[...] As culturas nacionais são tentadas, algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido”, quando a nação era “grande”, são tentadas a restaurar as identidades passadas [...]. Mas frequentemente esse mesmo retorno ao passado oculta uma luta para mobilizar as “pessoas” para que purifiquem suas fileiras, para que expulsem os “outros” que ameaçam sua identidade e para que se preparem para uma nova marcha para a frente [...]. (p.56)

Isto nos leva a um questionamento sobre a identidade nacional: É uma identidade que anula ou unifica a diferença cultural? Para responder tal questão, Hall (2006) relata que:

- As identidades nacionais estão se *desintegrando*, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global.
- As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo *reforçadas* pela resistência à globalização.
- As identidades nacionais estão em declínio, mas *novas* identidades-híbridas \_ estão se tornando seu lugar. (p.69)

Os estudos culturais diversificaram-se tanto em sua difusão por vários países. Algumas perspectivas teóricas e de influências disciplinares continuam marcadamente marxistas (Marx) e outras pós-estruturalistas (Foucault) como afirma Silva (1999):

[...] Há uma forma similar, uma visível heterogeneidade na perspectiva social adotada: há uma versão centrada nas questões de gênero, outra nas questões de raça, ainda outra em questões de sexualidade, embora existam, evidentemente, intersecções entre elas. (p. 133)

O que está envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. Como Silva (1999) afirma: “*A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder.*” (p.134)

Como produto dos estudos culturais, o multiculturalismo, no campo da educação é responsável pelo descentramento da cultura dominante e pela desconstrução de discursos que nos levam a falsa idéia de neutralidade. Em outras palavras, ele busca caminhos para dar voz àquelas identidades marginalizadas no currículo, nas relações interpessoais e nos espaços e tempos de escola. (Canen, 2006)

Desse modo, trabalhar o multiculturalismo na construção de uma identidade implica no rompimento de visões dogmatizadoras, na medida em que é uma relação social, o processo de significação que gera a ‘diferença’ que, se dá em conexões com relações de poder (Silva, 1999). A seguir serão mostrados os livros analisados a fim de percebermos se os negros estão representados positivamente ou negativamente, se houve mudanças nos estereótipos, nos textos... Enfim, se atendem a Lei 9.394/96 (LDB) e a Lei 10.639/03.

### **3.3 A descrição e frequência das categorias de análise dos textos e ilustrações dos livros analisados.**

Como já foi explicada, essa pesquisa foi realizada no Ciep 45 - Porto do Rosa e constatou-se que a professora do 2º ano (1ª série) não adotou nenhum livro, já as professoras do 3º, 4º e 5º ano adotaram livros, porém os docentes têm a autonomia de usar ou não, os livros enviados pelo governo através do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Visto que a professora do 5º ano adotou o livro Geografia da coleção *Vitória-régia* cujas autoras são: Áurea Darin e Ieda Medeiros, todos os alunos tem esse livro. A professora do 4º ano adotou o livro da coleção *Pensar e Construir* dos autores: Silas Martins Junqueira e Maria da Conceição Carneiro Oliveira. Já a

professora do 3º ano adotou o livro da coleção integrada *Eu gosto* da coleção integrada cujas autoras são: Célia Passos e Zeneide Silva, somente a professora tem esse livro.

*Coleção integrada*, 2º série do Ensino Fundamental, edição atualizada, São Paulo, 2006.

Autoras: Célia Passos e Zeneide Silva

Ilustração: Oficinas/ IBEP

Frequência de negros nas ilustrações: 10

Frequência de brancos nas ilustrações: 70

Esse livro é constituído de pequenos textos e faz uso de ilustrações coloridas que reforçam os textos. Foram contados os números de imagens e não a quantidade de negros no livro, daí havia ilustração que tinham três ou mais negro na mesma. Foi constatado um número maior de representação do branco em relação ao negro, os textos analisados são referentes à História e Cultura Afro-Brasileira. As disciplinas de História e Geografia são articuladas como se fosse uma só matéria, há uma parte separada que se refere às datas comemorativas e não é mencionado o Dia da Consciência Negra.

### **1. Frequência à escola**

01 frequência: Um menino negro caracterizado como estudante (trajando um uniforme), atravessando a rua ao lado de duas crianças brancas. (p.274)

### **2. Adjetivação positiva**

07 frequências: Um homem negro como pai de família, e quatro crianças pertencendo uma família. (p.262-338)

Uma mulher negra sorridente, caracterizada como porta-bandeira, aparece no contexto em que se trata do carnaval no Rio de Janeiro. Representando a cultura afro-brasileira (p.325)

Um menino negro é caracterizado como modelo cujo texto trata sobre os pontos cardeais, então ele mostra como orientar-se pelo sol. (p.306)

Um menino usando um computador é uma característica de lazer e inclusão digital. (p.302)

### **3. Status econômicos e diversificação de papéis e funções**

04 frequências:

Dois homens negros montados em cavalos com trajes típicos do sertão. Caracterizados como trabalhadores rurais. (p.316)

Uma mulher negra identificada como Tia Nastácia, tendo a função de cozinheira. (p.327)

Outra mulher negra é mostrada na foto, tendo a função de feirante. (p.286)

Os negros aqui representados apresentam características de pessoas de classe baixa.

#### **4. Características fenotípicas específicas**

Em todas as ilustrações os negros apresentados têm pele pigmentada, cabelos crespos.

#### **5. Comunidade Familiar**

03 frequências: O texto trata sobre a família, neste contexto o menino negro é apresentado como filho adotivo de um casal branco e na mesma página outra ilustração apresenta quatro crianças negras no meio das outras crianças brancas, formando uma grande família em um orfanato. E no final relata que a vida familiar é melhor quando todos se respeitam e um colabora com o outro. (p.262)

Já a terceira ilustração, um casal de crianças negras, sorridentes que correm em direção ao pai, este trajando terno e gravata. O texto refere-se ao Dia dos Pais (p. 338)

#### **6. Interação com outras raças/etnias**

04 frequências: Como já foi citada a maioria das imagens e características dos negros, serão colocadas somente àquela que não entraram em nenhuma categoria anterior.

Um menino negro se comunicando com um menino branco através da língua de sinais (Libras), os dois são caracterizados como deficientes auditivos. (p302)

Uma foto apresenta uma multidão nas ruas 'brincando o carnaval'. Mostra uma interação mútua entre os foliões. (p.325)

No texto que aborda a libertação da escravidão faz um breve relato da história dos escravos, deixando claro o porquê da escravidão, como se dera o que ocasionou após a libertação. Destaca Zumbi como o líder mais famoso dos Quilombos. O texto trata com clareza a história do povo africano.

Coleção Pensar e Construir, 3º série do Ensino Fundamental, São Paulo, 2001.

Autores: Silas Martins Junqueira e Maria da Conceição Carneiro.

Ilustração: Ivan de Paula e Paulo Manzi

Foto de capa: Maiza Borges

Frequência de negros nas ilustrações: 26

Frequência de brancos nas ilustrações: 54

#### **1. Frequência à escola**

03 representações: Menina negra uniformizada. (p.23-24)

Numa sala de aula apresentados como estudantes. (p.72)

Outra ilustração de uma sala de aula. (p.117)

#### **2. Adjetivação positiva**

07 representações: Duas crianças sentadas à mesa comendo carne e legumes. (p39)  
Crianças negras bem vestidas (pp.47-26)  
Homens negros sorridentes, aparentemente felizes. (p.10-16)  
Ilustração de uma mulher negra caracterizada como porta-bandeira de uma escola de samba, representando a cultura afro-brasileira. (p.104)

Foto de mulheres negras, baianas comemorando a festa de Iemanjá. (p.101)

### **3. Status econômicos e diversificação de papéis e funções**

02 representações: Uma mulher negra caracterizada como costureira. (p.37)

Homem negro puxando uma charrete, tendo a função de condutor. (p.160)

### **4. Características fenotípicas específicas**

Os negros apresentados têm os cabelos crespos e a pele bem pigmentada.

### **5. Comunidade Familiar**

07 representações: Dois irmãos gêmeos, negros caracterizados como estudantes. E na mesma página há outra ilustração mostra os mesmos irmãos saindo da escola, voltando para casa. (p.35)

Chegada de um menino em casa e na sala sua mãe está usando uma máquina de costurar. (p37)

Uma mulher negra com um bebê nos braços e mais dois filhos (p.38)

Outra mulher negra com uma filha de mãos dadas. (p.100)

Mãe e filha negras viajando de trem. (p.114)

As mesmas (mãe e filha) situadas numa propriedade rural (p102)

### **6. Interação com outras raças/etnias**

04 representações: Homem negro, bem vestido conversando com um homem branco e uma criança também branca. (p.75)

Um grupo de crianças situadas no interior de um balão, contendo quatro brancos e um negro. (p.22)

Duas crianças, uma negra e outra branca se abraçando e cantando felizes. (p.20)

Uma turma de crianças sentadas no parque assistindo aulas livres na sua maioria é branca e dois negros. (p. 134)

*Coleção Vitória-Régia*, 4º série do Ensino Fundamental, 3º edição, São Paulo 2005.

Autores: Darin áurea e Ieda Medeiros  
Ilustração: Não encontrado  
Frequência de negros nas ilustrações: 18  
Frequência de brancos nas ilustrações: 38

### **7. Frequência à escola**

Cinco estudantes sentados estão fazendo um trabalho escolar. (p.61)

Uma criança negra estudando com três crianças brancas. (p.105)

### **8. Adjetivação positiva**

03 frequências: Uma menina negra, sorridente com um berimbau nas mãos. (p.72)

Numa roda de capoeira, o professor é um negro representando a cultura afro-brasileira.  
(p.53)

Duas crianças negras, felizes olhando para a praia (p.61)

### **9. Status econômicos e diversificação de papéis e funções**

02 Frequências: Uma ilustração de duas mulheres, uma negra e outra branca trabalhando numa fábrica, exercendo a função de operária. (p.104)

Uma mulher negra trabalhando num ateliê sob a função de artesã. (p.107)

### **10. Características fenotípicas específicas**

Crianças são apresentadas com uma pigmentação na pele e cabelos crespos, trançados.

### **11. Comunidade Familiar**

Não tem.

### **12. Interação com outras raças/etnias**

03 frequências: A representação de um menino negro estudando com mais quatro crianças, cada um representa uma raça/etnia. (p.63)

Na ilustração é apresentado um mapa que tem em cada região uma criança representando-a. As crianças tem características fenotípicas dos lugares, são 14 brancos, 1 índio e 1 negro, este representa o estado da Bahia, situada na região nordeste.

Um grupo de crianças de mãos dadas abraçando o planeta, cada criança representa um continente. (p.69)

#### **4. CONCLUSÃO**

Embora, nosso cotidiano escolar esteja impregnado pelo mito da democracia racial, esse trabalho monográfico demonstrou que, mesmo a escola sendo reprodutivista está ocorrendo uma mudança gradativa. O livro didático evidenciou essa mudança, isto é, dos três livros analisados, dois representou o negro de forma positiva focando no respeito à diversidade.

Quanto ao cumprimento da Lei 10.639/2003 e da Lei 9.394/96 (LDB) os livros cumpriram em parte a função de valorizar a história, a cultura afro-brasileira e africana. Em seus textos mostram com clareza os fatos históricos ocorridos como a abolição e sua consequência para o negro, embora sentisse falta de datas importantes como o dia da Consciência Negra. De fato ainda não houve essa grande mudança, ela está sendo feita aos poucos.

A valorização das relações étnico-raciais, assim como sua cultura devem ser trabalhadas na sala de aula, o professor precisa compreender que ele é fundamental a essa (re)construção do olhar sobre o outro. A parceria entre professor e aluno é importante ferramenta para o respeito à diversidade inerente à sociedade brasileira.

A identidade é múltipla, cabe ao professor, ao currículo e a escola adaptar-se e capacitar-se a realidade atual. Deixar de contribuir na reprodução dos estereótipos fincados na sociedade pelo espaço escolar ainda é um desafio. Porém, identificar as formas de reprodução e combatê-las mostra uma prática reflexiva de um professor intelectual transformador. Educar é um ato político (Freire, 2000).

Desse modo, concluo este trabalho monográfico com uma importante observação feita diante da representação do negro no livro didático. Identifiquei transformações significativas e positivas em relação aos personagens negros, estes estavam com traços relacionados com profissões valorizadas, expressavam emoções positivas. Essa representação mostra o negro como figura humanizada exercendo sua cidadania, em outras palavras, isto significa uma contribuição relevante à auto-estima e valorização do afro-descendente. Essa mudança ainda é muito pouco para uma grande transformação na escola e na sociedade. Libertar-se dos produtos do racismo é uma luta incessante em busca de viver sem nenhuma forma de preconceito e discriminação.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. Filosofia da Educação. São Paulo: Moderna, 1996.

ASSIS, Mariza de Paula. A questão racial na formação de professores na perspectiva dos docentes da FFP. Niterói, 2006 – tese de mestrado apresentada a UFF.

BRASILIA, Conselho Nacional de Educação Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF, CNE, 10 de março de 2004. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (relatora) Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br>. Acesso em: 20 Fev. 2010.

CANEN, Ana. Multiculturalismo e identidade escolar: desafios e perspectivas para repensar a cultura escolar. In: Oliveira, Iolanda (Org.) – Programa de Educação sobre o negro na sociedade Brasileira. R.J.Niterói/Eduff. 2006 p. 35- 47.

CANEN, Ana, OLIVEIRA, Ângela M.A de. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. Revista Brasileira de Educação, Minas Gerais, nº21, p.61-74, 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em 15 fev. de 2010.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

COBRA, Rubens Queiros. Disponível em: <http://www.cobra.pages.nom.br/fcpgobineau.html>. Acesso em: 14 nov. 2009.

COSTA, Cândida Soares da. Percepção de alunos e professores sobre a discriminação racial no livro didático. [on line] s/d. Disponível em: <http://www.usp.br>. Acesso em: 01 jun. 2010.

DAVIE, Nicholas. Livro didático: apoio ao professor ou vilão do ensino de história? Disponível em: [http://www.uff.br/feuff/departamentos/docs\\_politica\\_mural/livro\\_didatico.doc](http://www.uff.br/feuff/departamentos/docs_politica_mural/livro_didatico.doc) Acesso em 14 fev. 2010.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). Diálogos Latinoamericanos, Aarhus, nº 10. p 115-130, 2005. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx>. Acesso em 10 abr. 2010.

FARIA, Ana Lúcia G. de. Ideologia no livro didático. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Miniaurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONTES, Carlos. Confrontos: Um olhar sobre nós o outro. Acesso em 15 Jan. 2010. Disponível em: <http://confrontos.no.sapo.pt/page7f.html>

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 15 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GOMES, Nilma Lino, SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. O desafio da diversidade. In: \_\_\_\_\_, Experiências étnico-culturais para a formação de professores. Belo Horizonte, Autêntica, 2002. p.13-33.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNIOR, Ari Costa. Disponível em: <http://aricostajunior.wordpress.com/2007/06/13/como-o-negro-e-visto-no-livro-didatico>. Acesso em: 14 out. 2009.

MATTOS, Hebe. O herói negro no ensino de história do Brasil: representações e usos das figuras de Zumbi e Henrique Dias nos compêndios didáticos brasileiros. In: Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. 2º ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p.21-37.

OLIVEIRA, Eliana de. Identidade, intolerância e as diferenças no espaço escolar: questões para debate. Revista Espaço Acadêmico. 2001 Dez. Acesso em 20 fev. 2010; N° 07: 3p. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br>.

PEREIRA, Amauri Mendes, SILVA, Joselina da. Três faces do desafio acadêmico à implementação da Lei n. 10639/03: a face teórica e a face epistemológica. In: RESENDE, M.A.G (Org.) Educação, arte e literatura africana de língua portuguesa: contribuição da questão racial na escola. Rio de Janeiro: Quartet: NEAB-UERJ, 2007. P.59-86.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus, TRINDADE, Maria Felisberta Baptista da, OLIVEIRA, Olga Azevedo Marques de. A travessia das representações culturais no cotidiano escolar. Relações raciais étnicas e Educação. [on line]. S/d. Disponível em: <http://www.anped.org.br>. Acesso em: 25 agos. 2008.

SEYFERTH, Giralda. O beneplácito da desigualdade: breve digressão sobre o racismo. In: Racismo no Brasil. São Paulo: Perirópolis, ABONG, 2002 – vários autores.

SILVA, Ana Célia. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (ORG). Superando o racismo na escola. 2º ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 21-37.

\_\_\_\_\_. As transformações e os determinantes da representação social do negro no livro didático. In: Educação, racismo e anti-racismo. Publicação do Programa. A cor da Bahia.

Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas da Filosofia e Ciências Humanas da UFBA-Salvador: Novos toques. 2000; n.4: p.99-129.

SILVA, Carlos da, CARVALHO, Marlene de Araújo. O livro didático como instrumento de difusão de ideologias e o papel do professor intelectual transformador. [on line] s/d. Disponível em: <<http://www.ufpi.br/mesteduc/eventos/iii encontro>>p.1-11. Acesso em: 05 jun. 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOBREIRA, Henrique Garcia, OLIVEIRA, Eliane Carvalho de, Lidiane Silva de. Armadilhas da percepção: Antes não me vias, agora não me percebes... [on line]s/d. Disponível em: <<http://www.alb.com.br>>. Acesso em: 27 agos. 2008.

YUKA, Marcelo. Todo camburão tem um pouco de navio negreiro.Disponível em: <http://www.letras.com.br/o-rappa>. Acesso em: 29 maio 2010.